

**ABRACADABRA**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES  
COMUNICAM AOS ALIADOS**

**da cena**

**PODEM  
RESPONDER À**

**PANDEMIA**

**CAOS  
POLÍTICO**

**NO  
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,  
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS  
ARTES DA  
CENA PODEM  
RESPONDER  
À PANDEMIA E  
AO CAOS  
POLÍTICO NO  
BRASIL?**

Organizadores:  
Ana Terra  
Matteo Bonfitto  
Silvia Geraldi  
Renato Ferracini



**ABRACE**

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

## **Diretoria ABRACE**

### **Gestão - 2019-2020... e pandemia**

#### **PRESIDENTE**

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

#### **1ª SECRETÁRIA**

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

#### **2ª SECRETÁRIA**

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

#### **TESOUREIRA**

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)  
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)  
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

#### **CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)  
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)  
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

#### **SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL**

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)  
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)  
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

#### **EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL**

Arthur Amaral

#### **EDIÇÃO**

ABRACE

#### **CO-EDIÇÃO**

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

# COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.  
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



# COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

## Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

**Comissão Editorial Abrace**  
**Gestão 19/20/21**

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

# SUMÁRIO

## capítulo 1

### Cena, resistência e experimentações digitais

#### *DOSSIÊ DO DESCURSO*

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,  
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira \_\_\_\_\_ 15

#### *CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE*

André Carrico \_\_\_\_\_ 95

#### *ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ*

Sócrates Fusinato \_\_\_\_\_ 99

#### *POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva \_\_\_\_\_ 117

#### *TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?*

Maíra Castilhos Coelho \_\_\_\_\_ 144

#### *O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA*

Mônica Melo \_\_\_\_\_ 172

#### *VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS*

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães \_\_\_\_\_ 198

#### *QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS*

Priscila Rosa \_\_\_\_\_ 216

#### *O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.*

Daniele Pimenta \_\_\_\_\_ 224

#### *VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Charles Feitosa (UNIRIO) \_\_\_\_\_ 240

#### *MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE*

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni \_\_\_\_\_ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

## capítulo 2

### Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA  
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira \_\_\_\_\_ 599

*ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS*

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini \_\_\_\_\_ 638

*“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020*

Alba Pedreira Vieira \_\_\_\_\_ 666

*DANÇA NA PANDEMIA*

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães \_\_\_\_\_ 696

**capítulo 3**

## Feminismos plurais, performances e performatividades

*BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. \_\_\_\_\_ 712

*CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO*

Andre Luiz Rodrigues Ferreira \_\_\_\_\_ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:  
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes \_\_\_\_\_ 757

*BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS*

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins \_\_\_\_\_ 793

*PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA*

Estela Vale Villegas \_\_\_\_\_ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA  
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad \_\_\_\_\_ 856

**capítulo 4**

## Práticas de cuidado e espiritualidade

*TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman \_\_\_\_\_ 887



*COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO*  
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,  
Tania Alice \_\_\_\_\_ 908

## capítulo 5

### Ações performativas em isolamento

*SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS*  
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira \_\_\_\_\_ 935

*MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI*  
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas \_\_\_\_\_ 940

*QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO*  
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,  
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,  
Jefferson Fernandes \_\_\_\_\_ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA  
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*  
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva \_\_\_\_\_ 962

*TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.*  
Stefanie Liz Polidoro \_\_\_\_\_ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA  
NO ISOLAMENTO SOCIAL*  
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez \_\_\_\_\_ 989

*CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA*  
Carla Vendramin \_\_\_\_\_ 1004

*DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA*  
Danielle Martins de Farias \_\_\_\_\_ 1033

*RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS*  
Silvia Balestreri \_\_\_\_\_ 1037

*UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA*  
Domenico Ban Jr. \_\_\_\_\_ 1044

*VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO*  
Patrícia Souza de Almeida \_\_\_\_\_ 1049

## capítulo 6

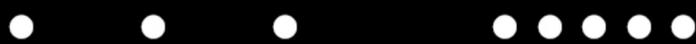
### Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*  
Rafaela Blanch Pires \_\_\_\_\_ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*  
Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*  
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira \_\_\_\_\_ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*  
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva \_\_\_\_\_ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*  
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar \_\_\_\_\_ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*  
João Vítor Ferreira Nunes \_\_\_\_\_ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*  
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos \_\_\_\_\_ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*  
Janaína Maria Machado (UFBA) \_\_\_\_\_ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*  
Nanci de Freitas \_\_\_\_\_ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*  
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá \_\_\_\_\_ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*  
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,  
Tânia Guerra de Souza \_\_\_\_\_ 1303

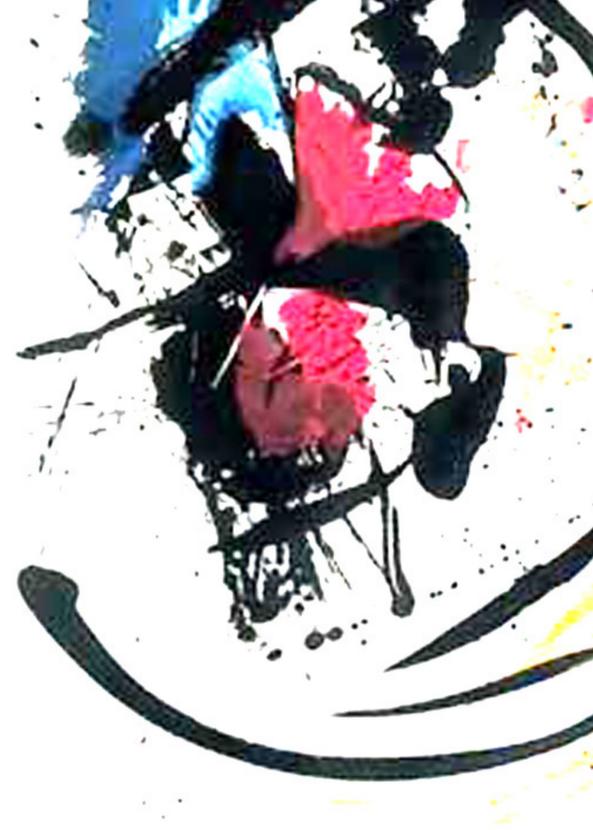
<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



**CAPÍTULO 3**  
feminismos plurais,  
**PERFORMANCES**  
**E PERFORMATIVIDADES**



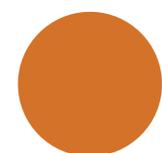
# BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA



LEAL, Dodi; LYRA, Luciana de F. R. P; MIRANDA, Maria Brígida de; ROMANO, Lúcia; TOURINHO, Lígia. **Bilhetes de Mulheres da Cena em Resistência**. Docentes. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadoras GT Mulheres da Cena.

## \_\_RESUMO

Este artigo vem se transfigurar enquanto vestígio memorial da conferência remota ministrada pelas coordenadoras do *GT Mulheres da Cena* durante o evento ABRACE ON LINE, ocorrido no segundo semestre de 2020. A palestra urdida



performativamente por meio da troca de bilhetes entre as palestrantes, teve como escopo evidenciar experiências destas professoras-pesquisadoras- artistas em tempos de pandemia, instaurando problemáticas e alcances pedagógicos e artísticos no campo dos feminismos plurais e das questões de gênero.

### **\_\_PALAVRAS-CHAVE:**

GT Mulheres na cena; Palestra Performática; Feminismos Plurais; Gênero.

### **\_\_ABSTRACT**

This article is a kind of remnant of the remote conference given by the coordinators of the GT Women of the Scene, as an online event, produced by ABRACE, in the second semester of 2020. The five female scholars proposed a lecture-performance by reading notes addressed to each other. The performance intended to highlight the experiences of each woman -teacher-researcher-artist, living through a pandemic time. They aimed to weave together a reflection on the challenges they faced and on the pedagogical, and artistic solutions they proposed in the field of plural feminisms and gender issues.



**\_\_KEYWORDS:**

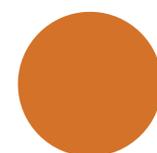
GT Women of the Scene; Performing Lecture; Plural Feminisms; Gender.

Recife, 11 de setembro de 2020

Querida Lúcia Romano, querida Lu,

Fico achando tão sincrônico que hoje estejamos lançando o livro que celebra vinte anos da ABRACE, pois é exatamente neste livro, que estão nossas primeiras correspondências, minha para você, sua para Brígida, de Bri para Dodi, de Dodi para Lígia, cartas trocadas que se transfiguraram num denso artigo sobre o surgimento de nosso GT MULHERES DA CENA na Associação, sobre a ação de mulheres na academia pensando teatro, dança, performance. E é tão bacana estarmos nos correspondendo de novo aqui neste encontro, agora não por uma carta, um bilhete-live, bem vivo, cheio das camadas deste momento pandêmico que estamos todes mergulhades.

Sim, esse bilhete foi uma estratégia que encontramos



para todas estarem neste encontro, para que todas pudessem ter sua fala, seu grito de cinco minutos ininterruptos servidos em banquete. Cinco minutos para dizer deste tempo pandêmico para cada uma de nós, como artistas, como pesquisadoras, dizer de nossas pesquisas neste tempo de proporções dantescas, onde tudo se torna complexo e o tempo se mistura, os espaços se misturam, casa, trabalho, nada será como antes. Lembro que foi complexo para nós todas delegar quem iria falar hoje neste encontro virtual, tantas demandas, né? Por isso a solução do bilhete, coisa de mulher que deixa seus vestígios em pedaços de papel para serem lembrados, pistas que podem atravessar sobre vassouras tempos e espaços. Coisa de bruxa.

Meu bilhete, Lu, vem dizer que comecei o ano cheia de fé, com temporada das cangaceiras marcada para abril, em São Paulo, com a possibilidade de assumir a coordenação adjunta do PPGARTES da UERJ, no Rio, com um novo amor, com o meu grupo de pesquisa MOTIM avançando nas suas pesquisas. Cheia de planos e sonhos vários. Lembro que a primeira reunião do MOTIM, por exemplo, aconteceu no princípio do mês de março na UERJ onde foi apresentado um cronograma, que em menos de uma semana dissolveu-se frente ao caos instaurado com a pandemia e a instalação do isolamento social.

Com aulas e encontros de pesquisa cancelados na



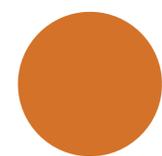
universidade, diluiu-se a normalidade acadêmica. Cerceades de nos juntarmos frente às pesquisas, fomos convocades a encontrar meios emergenciais de constituir ações construtivas, congregações e não perpetuar ainda mais estes conturbados dias, na compreensão de que o isolamento é o exato contrário do amotinamento. Entre os meses de março e maio, escrevemos juntas O Livro do Motim. E em junho iniciamos o projeto nomeado de MOTIM NA QUARENTENA, uma série de debates em formato de lives no instagram, com três grandes temas: Poéticas e pedagogias pretas nas artes da cena; Pedagogias feministas nas Artes da Cena e A cena da margem ao centro: outros feminismos.

Toda esta rede insurreta de afetos tramada pelo MOTIM NA QUARENTENA buscou subverter as forças exterminadoras da macropolítica através de micropolíticas ativas, corpos que por trás de celulares e computadores mostravam-se a re-existir, criando novas oportunidades, distintos modos de existência, mesmo em tempos adversos. A ação virtual aguerrida reinventou estratégias e com esses laços continuamos avançando adiante na construção de subjetividades e outras pontes para o MOTIM e eu também em aulas virtuais na UERJ e UDESC, estreitando os vínculos com pessoas de diferentes cantos do Brasil mesmo na virtualidade, e exatamente por que a virtualidade, dialeticamente, proporciona essa aproximação.



Sobre esse isolamento, Lu, creio que comungamos da mesma sensação de que essa pandemia parece ter nos colocado num futuro interdito, um eterno presente, onde a cada momento temos que refletir e habitar a potência da ausência, lembrando que perdi minha avó nesse tempo. O COVID19 e essa necropolítica (MEMBEB, 2011) brasileira, são aterradoras, mas a alquimia da arte mesmo virtual revigora o pensamento sensível e contribui para outras percepções do agora e do que está porvir, especialmente para nós mulheres, que com um TETO NÃO EXATAMENTE TODO NOSSO, nos dividimos entre o trabalho, casa, família a um só tempo e com infindas maiores demandas.

Penso que somos essenciais no mundo, Lu, cada uma de nós, assim como os rios, as árvores, os animais e as avós, compomos a mesma biosfera, e qualquer ação nossa, ou a falta dela, repercute no planeta inteiro. Portanto, se torna urgente resistirmos como mulheres artistas e nos amotinarmos mesmo na distância contra às forças reativas. Devemos retornar nossa condição de vida, e garantirmos a força de germinação de novas formas de existência através das macropolíticas, mas, sobretudo, das micropolíticas ativas. Como bruxas da cena que somos, como bruxas na academia, vamos preservar o prazer de estarmos vivas, de dançar, de atuar, de cantar, de fazer chover, como nos lembra Krenak (2019). Vamos contar mais uma estória



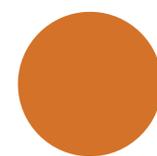
para adiar o fim do mundo. A minha, a nossa estória de mulheres e de homens sensíveis e amantes da terra.

Com saudade que não estanca, sua amiga, Luciana Lyra, Lu.

São Paulo, 11 de setembro de 2020.

Oi, Luciana e Brígida,

Desculpe-me de cara por ter demorado tanto para enviar este meu bilhete, Brígida. E por responder tão tardiamente a você, Luciana, também. Aproveito essa mensagem já para falar com as duas, fazendo a ponte prometida entre Rio de Janeiro e Florianópolis, mas meio envergonhada de repetir “desculpe-me por demorar tanto para...”; essa frase tem sido a que mais repito nessa quarentena. É que desde que o isolamento social começou, e fomos chacoalhadas pela violência da morte e pela evidência de que em nosso país nem mesmo a morte é igual para todos, meu tempo foi completamente capturado pelo trabalho.



Enquanto vejo tantas pessoas sumirem da nossa convivência, sem proteção alguma do estado, porque são periféricas, pobres, pretas, idosas, ou indígenas, pratico minha dose diária de alienação, me afundando nos compromissos, para não amargar de revolta mal contida; enquanto luto para dar sentido ao “viver desse modo que vivemos hoje”. E trabalho. Trabalho. Trabalho. Trabalho na universidade, agora em aulas remotas, tentando formas de encontrar as e os estudantes, porque isso ajuda também a tecer o presente; mesmo temerosa de que, num futuro muito próximo, meu esforço para continuar ajude a sucatear de vez o ensino público. Trabalho online com meu grupo de teatro, a Cia Livre, tentando imaginar como manter nossas práticas e como compreender por meio da cena essas mudanças substanciais do nosso dia-a-dia. Trabalho em casa, entendendo como nunca o quão pesado é dar conta do que as feministas chamam de trabalho invisível - lavar, passar, faxinar, cozinhar, cuidar de mim e das pessoas que moram aqui, comigo. Confesso que não tive sequer um dia parecido com aquele comercial de televisão, em que a moça anda de meias pelo apê, e vai tocar num raio de sol que entra pela janela do quarto, para depois praticar seu yoga com um Golden retriever caramelo bagunçando o coreto, alegremente; ou então aquele outro, em que o rapaz paga uma conta pelo laptop com um sorriso no



rosto, e com a mesma satisfação, fecha o computador e experimenta seu novo saxofone.

Mas, é verdade, como a Luciana mesmo disse, que esse tempo pandêmico é tão cheio de contradições, que até a face mais agônica da realidade tem nos ensinado a construção de laços que pareciam impossíveis, por caminhos que não podíamos imaginar. Então, alguma descoberta acontece, quando menos esperamos - uma evidência difusa, uma pista no vazio. Conto pra vocês apenas um desses momentos. Tendo o privilégio de ficar em casa e, de certa forma segura, no meio de um dia de trabalho fui ler um texto já empoeirado, de tanto tempo que estava sobre a mesa: Vida Precária. Nele, a autora, Judith Butler, fala exatamente disso: de como acabamos implicadas em demandas que “nos vem de algum lugar, muitas vezes um lugar sem nome, pela qual nossas obrigações são articuladas e são impostas a nós”. (Butler, 2011, p. 15)<sup>1</sup>. E respondemos a essa voz sem autoridade moral, mas que ainda assim, manifesta seu poder de subjugo. Ao longo do texto, Butler comenta algo muito próximo do que percebo sobre esse estranho momento: a necessidade de preservar a própria vida, soma-se à violência de um Outro sobre mim, assim como à consciência que nos atinge da violência cometida contra um segundo Outro; tudo isso em paralelo

<sup>1</sup> BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea, trad. Angelo Marcelo Vasco, no.1, p. 13-33, jan-jun. 2011.



ao desejo de viver, de continuar a própria existência, e de ver continuar a existência daquelas que amamos. E a respeito das imagens da mídia, dessas que mencionei - coincidentemente um assunto também presente neste texto - , Judith Butler as compara aos esquemas normativos, que estabelecem o que pode ser descrito, ou o que é uma vida habitável. Ela diz que são imagens que prescrevem os que são mais ou menos humanos - isso, porém, estampando diante de nós rostos que nos desumanizam. Pois, não há como negar: a questão que me toca não é mudar a casa com uma decoração planejada na megaloja de material de construção, e me satisfazer com essa “reforma íntima”. Agora não há como negar: nós estamos experimentando uma nova dimensão da humanidade, a precariedade da vida, que está na sala da nossa casa, assim como sempre esteve nas ruas, ameaçando nossa capacidade de fazer sentido, nos limites do que podemos sentir. Mas aí está a curva da história: exatamente por causa dessa precariedade, tornamos a reconhecer o nosso sentir. Somos compelidas a falar desse limite da representação e da responsabilidade de quem produz a “moldura do que é mostrado”. Nós, inclusive. E é por causa desse reconhecimento do desconhecido que somos compelidas também aos nossos projetos de teatro, aos encontros online com as e os estudantes, ao mergulho em nossa própria consciência, inquieta e



desafiada. Porque a precariedade nos vincula. Precisamos estar próximas, agindo juntas, porque hoje emergiram perguntas, que permanecem suspensas no ar: qual forma de linguagem vai nos permitir falar afetivamente, criando um sentido público para uma nova humanidade? Não mais aquela humanidade a que somos levadas a nos identificar, e que move esse mecanismo em que “certas vidas e certas mortes permanecem não representadas ou que são representadas de maneiras que efetivam sua captura” (Butler, 2011, p. 29). Brígida, lendo a mensagem da Luciana e juntando a ela os meus dias tão ocupados, eu pergunto: Qual forma de linguagem vai nos permitir falar da vida em sua fragilidade?

Com carinho, Lúcia.

Ilha das Bruxas, 11 de setembro de 2020.

(Brígida, toca três vezes uma tigela tibetana de meditação).

Querida Lucia,



Obrigada por seu bilhete! Abraço você e Luciana, e estendo meus braços para trazer Lígia e Dodi para este aconchego bruxólico do nosso GT Mulheres da Cena.

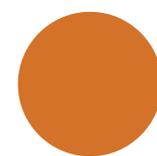
Saúdo as pessoas reunidas nesta mesa e aquelas que nos assistem. Agradeço à equipe da ABRACE por tornar possível este evento on-line e parablenizo a todes envolvidas na realização do livro ABRACE 20 anos.

Meu bilhete é para Dodi...

Agradeço a você, Dodi, por ter sido aquela que, após a mesa “Vozes Feministas: arte e ativismo”<sup>2</sup>, realizada dentro da programação do Congresso da ABRACE – ocorrido em 2018, na UFRN –, no qual eu, Lucia, Verônica e Melissa palestramos, nos apontou que aquele era o momento certo de criar um GT que congregasse as pesquisas em andamento sobre gênero e feminismos nas artes da cena.

Se o surgimento do GT Mulheres da Cena é recente, a história do trabalho feminino no campo do teatro é tão antiga quanto o próprio teatro. E à medida que pesquisamos e estimulamos estudos sobre a presença de mulheres em áreas como direção e encenação, dramaturgia, criação de figurinos, cenários, coreografia, iluminação e teatro de

<sup>2</sup> Mesa Temática, “Vozes Feministas: arte e ativismo” realizada às 17 horas, em 18 de outubro de 2018. Professoras convidadas: Maria Brígida de Miranda (UDESC), Verônica Fabrini (UNICAMP), Lúcia Romano (UNESP). Mediação: Melissa Lopes (UFRN). X Congresso da ABRACE - “ABRACE 20 Anos: Celebrando a Diversidade”, realizado na UFRN, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, Brasil.  
<<https://drive.google.com/file/d/1QOUVxWS0lxAVQuRso5V1zrbo6PRYUIVL/view>> Acesso em 22/09/2020.



animação, nós, professoras, puxamos os fios da memória coletiva. Porque esses fios se enlaçam em uma grande rede carregada de nomes e feitos de mulheres de teatro. Estudos que dão visibilidade à história de artistas da cena, nossas antepassadas. Muitas delas foram bem-sucedidas em determinado momento histórico e estranhamente esquecidas e suas obras escondidas em outros. Sei que partir da década de 1980 se empreendeu em países como Inglaterra, Estados Unidos e Austrália uma “restauração” das histórias de mulheres de teatro. No Brasil, gosto de citar o pioneirismo de Lucia Sander (UnB), que na área de estudos literários nos apresentou o teatro de Susan Glaspell, uma dramaturga “escondida da história”. Cito também a importância da pesquisa de Valéria Andrade a respeito da dramaturga sufragista Josephina Álvares de Azevedo e de outras dramaturgas do século XIX.

Mas e na prática teatral? Bem, em 2006, abri um campo de estudos sobre teatro feminista e estudos de gênero no Departamento de Artes Cênicas (DAC) e no Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Busquei na prática artística e na sala de aula encenar obras de dramaturgas que dialogavam com as demandas dos movimentos feministas. Mas, sem dúvida, isso foi só o início, pois a transformação do campo vai além da dramaturgia e da encenação...



Sabemos que o trabalho de mulheres no teatro raramente é selecionado para grandes festivais (e isso não é uma característica apenas brasileira). Mesmo que mulheres sejam maioria nos quadros discentes de cursos de artes cênicas do Brasil, nossas produções são pouco reconhecidas. Mas intuímos que exista uma imensa produção teatral de mulheres em circunstâncias e em lugares inusitados.

Lembro que muitas mulheres fazem teatro em locais pequenos, desde ambientes domésticos, jardins de infância, escolas para educação de adultos, espaços comunitários, em terreiros e até mesmo em salões paroquiais. Talvez alguém diga que essas práticas não são importantes ou não têm impacto social ou cultural... mas temos que questionar essas escalas e esses medidores de sucesso e sua conformidade com os padrões patriarcais.

Vamos observar que, se hoje estamos restritas ao ambiente doméstico, podemos reconhecer que essa foi, e ainda é, a condição de centenas de mulheres no mundo. E aprender que mesmo na clausura se faz teatro. Quando estamos confinadas e as casas de teatro, fechadas, podemos instaurar um diálogo fértil ao perguntar como era o teatro de nossas antepassadas.

E ousar dizer que podemos ir além, ao nos perguntarmos que teatro queremos fazer hoje e que teatro imaginamos para o futuro.



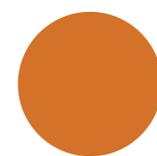
Se tivermos coragem de mergulhar no significado dos cerceamentos e controles, do isolamento social, da máscara na cara, do não abraço, da falta da caminhada ao sol — condições que vivemos hoje, podemos avançar para questões a partir mas além do gênero, e suas interseccionalidades. Por exemplo, podemos começar a duvidar da superioridade do humano sobre tudo o que é considerado não humano - animais, terra, florestas, águas, seres-objetos passíveis de todas as violências, abusos e exploração. Ao aprofundarmos a questão de gênero, buscamos ter a responsabilidade de abolir todas as relações de abuso e escravidão em nosso dia a dia?

Penso, Dodi, que, como artistas da cena, podemos imaginar um futuro radicalmente diferente. Como é o seu teatro do futuro?

Brígida Miranda

Porto Seguro-BA, 11 de setembro de 2020

(Dodi liga o fogo de um isqueiro e acende um incenso)



*Eu determino que termine aqui e agora*

*Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo*

*Determino que termine em nós e desate*

*E que amanhã, que amanhã, Brígida possa ser diferente pra elas*

*Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções*

*E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias*

*Entre a oração e a ereção*

*Ora são, ora não são*

*Unção*

*Bênção*

*Sem nação*

*Mesmo que não nasçam*

*Mas vivem e vivem*

*E vem*

*Se homens*

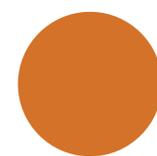
*Se amam*

*Ciúmes*

*Se hímen*

*Se unem*

*A quem costumeiramente ama*



*A mente ama também*

*Não queimem as bruxas*

*Mas que amém as bixas*

*Mas que amém*

*Que amém*

*Clamem*

*Que amem*

*Que amem as travas*

*E as travas também<sup>3</sup>*

Peço licença, não a Deus e não apenas à Deusa, mas à Deisy Travaca, a todas as pessoas trans mortas pelo CISTema. É em nome delas que eu tô aqui hoje. Em nome delas e de todas nós mulheres que estamos aqui, reivindicando por esse espaço tão precioso, que é a construção de uma memória e de uma história. Que elas também seguirão nas suas futuras respectivas.

Me orgulho muito de construir com você Brígida, com você Lúcia, com você Luciana, e com você Lígia uma história que já vem sendo construída por muitas de nós antes de nós. E eu saúdo todas as nozes que virão e que não estão mencionadas aqui, mas que serão tão importantes quanto a gente. Pra preservar a vida, pra preservar as narrativas e as memórias.

<sup>3</sup> Música Oração - Linn da Quebrada (part. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>, acesso em 16/09/2020 às 12h51. Porto Seguro/BA - Brasil.

A gente vive num mundo desgraçado, desgracento, de muito terror, de muita ameaça, de genocídios. A gente precisa se fortalecer, se esfumaçar das nossas presenças, ainda que sejam assim, como a gente tá experimentando agora. E tá sendo bom. Tá sendo bom ver vocês. Tá sendo bom me sentir presente construindo essa história, ainda que eu esteja aqui da Bahia e vocês em outros estados do Brasil. E daqui de Porto Seguro, eu amaldiçoo toda a colonização que se plantou neste país e que começou aqui. Que ela se aterre, pra que aprendamos com ela a não mais admitir esses abusos que a gente vive recorrentemente, estruturalmente ainda hoje, pagando essas dívidas impagáveis.

Não é mais só a necropolítica. É a necapolítica. É o pau dos homens cis brancos que governa essa “nação”. E talvez sejamos nesse 11 de setembro, Lígia, talvez sejamos aquele avião. Nós mulheres podemos derrubar essa torre, essas torres gêmeas que comandam o Brasil? É o Capitalismo Trade Center ou o Bolso Trade Center que deve ser derrubado. Lígia, queria muito te perguntar sobre morte e sobre cuidado. Venha!

Dodi Leal

Campinas, 11 de setembro de 2020.

Querida Dodi,



Seu bilhete me conduz a refletir sobre a morte e sobre o cuidado. Ele me faz ler as questões dos outros bilhetes, de nossa roda de mulheres. Queria hoje estar mais otimista, mas estou de luto. Estamos todos em luto desde o início desta pandemia. Viver o luto é também cuidar de si, deixar o tempo transformar a dor e dar nome e importância à passagem da experiência da vida carnal para a da memória. Bruxaria mítica que move a roda de nosso Mundo do Invisível. Os que não estão de corpo presente seguem em nós. Suas existências seguem nos transformando e nos movendo.

Estamos chegando a terrível marca de 130 mil mortos. Para termos uma dimensão concreta do que representa esse número, o Brasil possui 26 estados federados e um distrito federal, divididos em 5 570 municípios. Em 2020, 324 municípios brasileiros possuíam população superior a cem mil habitantes, sendo o mais populoso deles São Paulo, seguido pelo Rio de Janeiro. Possuem aproximadamente 130 mil habitantes: Itapipoica, no Ceará. Valinhos ou Cubatão, em São Paulo. Resende, no Rio... Se juntássemos todos os mortos em uma cidade seria como se eliminássemos a população de uma dessas, citadas acima.

Findo este exercício fúnebre de imaginação, compartilho com você(s) que penso que vivemos uma crise do cuidado (ou pelo menos da falta dele): Do cuidado de si, do outro,



da casa, do espaço público, da cidade, do país, da floresta... As gestões homem branco hétero cis cristão pensam no desenvolvimento econômico para o enriquecimento de poucos e empobrecimento generalizado e não consideram o cuidado. Não (re)conhecem a dimensão valorosa de cuidar de si e arrumar a casa. As imagens das aglomerações do feriado de 07 de setembro (e dos finais de semana) - as aglomerações do prazer e da curtição, me causam tanta dor quanto as imagens da nossa floresta em chamas. Somos uma sociedade incapaz de dizer não à farra da praia e do bar, à farra dos guardanapos, à farra dos milicianos. Estamos falsamente iludidos com a ideia de que sanar o desejo pela aglomeração manifesta como estamos nos colocando em primeiro lugar e que estamos atendendo nossas demandas. Estamos nos colocando em último lugar. Vamos para a rua sem se abalar com o número direto de vítimas da pandemia. Não cuidamos de nós, nem do outro, nem do nosso país e planeta. Estamos nos condenando à prisão domiciliar pela incapacidade de pensar em uma gestão básica de nosso autocuidado e do cuidado para com o outro e do outro.

Qual será então o papel das artes diante de tudo isso? Eu não tenho a resposta. Pouco me importa achar a frase de efeito para fechar este bilhete. Permito-me deixar a pergunta.



Ontem o meu cunhado e amigo fez a passagem para o mundo mítico da memória. Ele vivia no Uruguai. Ele não morreu de Covid. O Uruguai hoje nos mostra a força do cuidado de si e do outro. É um exemplo raro de como lidar com a pandemia. Minha irmã está grávida e está lá, do outro lado da fronteira. Estou performando minhas bruxarias e habilidades retóricas para conseguir uma autorização de travessia. Dedico meu texto a sua memória, às vítimas diretas desta doença e também às vítimas indiretas (as que vivem nesse mundo ainda e as que habitam o mundo da memória).

Saudades de estar com você, Dodi, e com todas as outras mulheres queridas que compõem essa roda de bilhetes.

Beijos virtuais em todas,

Lígia.



## \_\_REFERÊNCIAS

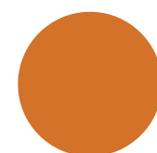
BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea. Dossiê Diferença e (Des)Igualdades**. Trad. Angelo Marcelo Vasco, no. 1, Jan-Jun 2011. p. 13-33. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>. Acesso em: 01 set. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. N-1, São Paulo, 2011.

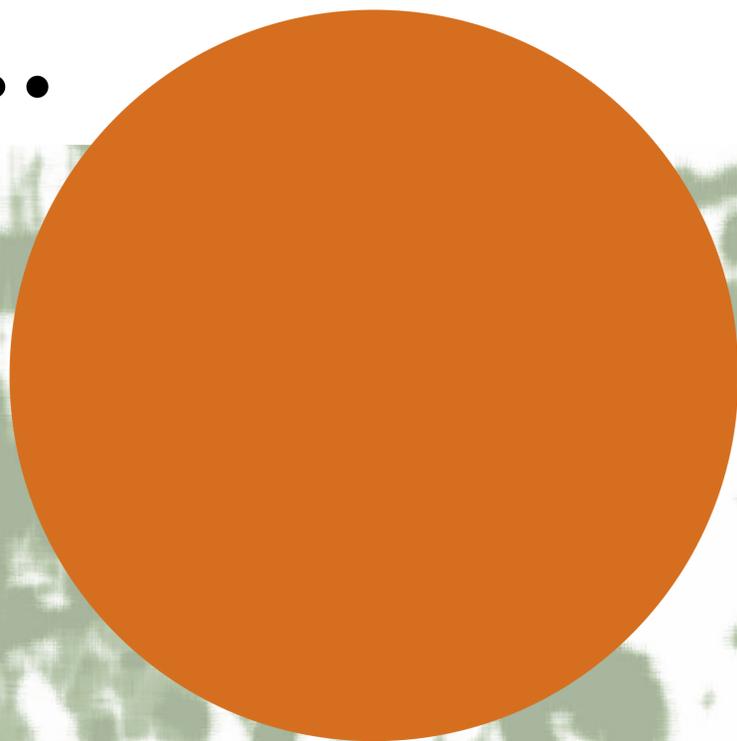
SANDER, Lúcia V.. **Susan e eu: Ensaio Crítico e Autocrítico Sobre o Teatro de Susan Glaspell**. Editora UnB. Brasília. 2007.

SOUTO-MAIOR. Valéria Andrade. **O Florete e a Máscara: Josephina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. 1995.





**PPG-Artes da Cena**  
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

